

# ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 109

SEGUNDA-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

## ASSIGNATURAS

Portugal, colónias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO.,

43 - RUA FORMOSA - 43



Grandes armazens do

# PRINTEMPS

de PARIS

NOVA DIRECÇÃO — LAGUONIE & C.<sup>a</sup>

## ESTAÇÃO DE INVERNO

Os Grandes Armazens do Printemps de Paris tem a honra de informar á sua clientela que já chegaram ao seu escriptorio da reexpedição.

**19, Largo do Camões, 1.º — RÓCIO**

a maior parte do mostruario da estação de inverno; assim como um lote de tapetes, carpetes, artigos de pelle, bous de plumas, Brinlizes, chapéus.

As encomendas feitas por intervenção da nossa agencia de Lisboa, são expeditas **franco de porte** qualquer que seja a importancia da encomenda, quando a expedição é feita por pequena velocidade.

O catalogo e as amostras são fornecidos gratis a quem os requisitar.

«Union Maritime»  
e «Mannheim»  
Companhias de seguros portaes, marítimos e de transportes de qualquer natureza

Directores em Lisboa:  
**Lima Mayer & C.<sup>a</sup>**  
39, Rua da Prata, 1.



### Desinfectante da bocca

Para fazer os dentes brancos. Tirar o mau halito e conservar a dentadura, não ha melhor.

Cada caixa 100 réis, pelo correio mais 20 réis.

Pedidos a **Franco Simões**, rua dos Fanqueiros, 230, 238, Lisboa. Remette-se a quem enviar a importância em estampilhas.



**Agua mineira do Monte Banzão — Collares**

A agua da Fonte Marie da meza, AGUA DE MEZA DO POLO e WASS MARIA TA. E uma agua GAZOZA SAUDAVAL, DIGESTIVA, reguladora das funcões hepticas, TONICA, ANTI-CHEMICA, DIURETICA.

E aconselhada para o tratamento das doencas do estomago, proveniente de sua digestão nas doencas de hepática e cistite e em muitas outras doencas de anemia e neurasthenia.

DEPOSITOS:

- Escriptorio da Imprensa: Rua Arco do Bispo, 218, 1.º
- Pharmacia Barcel: Rua do Ouro, 128, 129.
- Verejo & C.: Rua Augusta, 154, 156.
- Drogaria Progresso: Rua de S. Joaõ, 107, 110.

Vendem-se em todas as casas que negociam em aguas mineiras.

### «ROYAL WINDSOR»

O melhor regenerador dos cabelos

Em todas as drogarías e casas de perfumarias

**VENDAS POR GROSSO**  
**A. Vincent — 19, Largo do Camões, 1.º — Lisboa**



### «Tinta Esmaltada Roulland»

EM TODAS AS CORES

Esta tinta não estala e conserva sempre o brilho.

**Vende-se em Lisboa:**  
Na Drogaria Peninsular, rua Augusta, 99 a 45.—J. Netto Varela, rua da Rosa, 121.—Marques & Cunha, rua da Prata, 189.

**E no Porto:**  
Em casa de Seraphim José de Moraes, 64, rua de Cedofeita.

O catalogo das cores é enviado gratuitamente a quem o pedir.

Depositarío geral: **A. Vincent — 19, Largo do Camões, 1.º — Lisboa.**

### VIUVA

Thiago da Silva & C.<sup>a</sup>

ESTABELECIMENTO

de ferragens nacionaes e estrangeiras

84, Praça do D. Pedro, 85

Officinas de serralheiro, dourador, metaes e nickellagem

Rua do Santo Antão, 2-A

### Simplex-Bicyclettes

A mais elegante e mais solida, resolve-se fazer uma grande redução de preço n'estas magnificas machinas, com travão automatico e roda livre, passamos a vendela por **58.000 réis**.—Bicyclettes legtimas H. S. A. a **60.000 réis**.—Bicyclettes allemãs, a que de melhor se fabrica desde **39.000 réis**.—Protectores ingleses, muito bons, systema Dunlop a **2800 réis**.—Camaras d'ar a **1500 réis**.—Acessorios e reparações, garantim-se sur mais baratos que qualquer outra casa.

**J. Castello Branco** Rua do Becco 42 a 48

# O PIPERINOL

Para cur cor e brilho igual ao encerado em moveis e soalhos. Imitação pau santo, no-gueira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-ras nem cheiro algum.

Applicação facil e rapida.

**Deposito unico: Rua Buenos Ayres, 35**  
**GIL DIAS ASSUMPCÃO.**

## SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS LIMITADA

# AUTO PALACE

Richard Beauville

DE DION-BOUTON, DECAUVILLE, RENAULT FRERES

Rua do Jardim do Regedor 4 a 26 LISBOA

### Bueno Romera

CHIQUISTO-DENTISTA

Tratamento das doencas da bocca

Collocação de dentaduras artificiaes.

CONSULTORIO:  
**CALÇADA DO COMBRO, 32, 1.º**  
Valgo Paulistias — Lisboa

### ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Brilhantes capas em percalina encalhadas a ouro e cores, superiormente illustrada por Santos Silva, para a encadernação de cada semestre da notavel revista

### ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Capa e respectivo indice para cada semestre

**700 RÉIS**

### Empreza DE Trens

Objectos funerarios

**PIRES BRANCO & MARTHA**  
Largo da Aboegorica, 43 a 49 — LISBOA  
Telephono n.º 1088

**PROVEM O BUCELLAS HOCK SANDEMAN PEÇAM TODA A PARTE**



# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Charcs  
EDITOR

# PORTUGUEZA

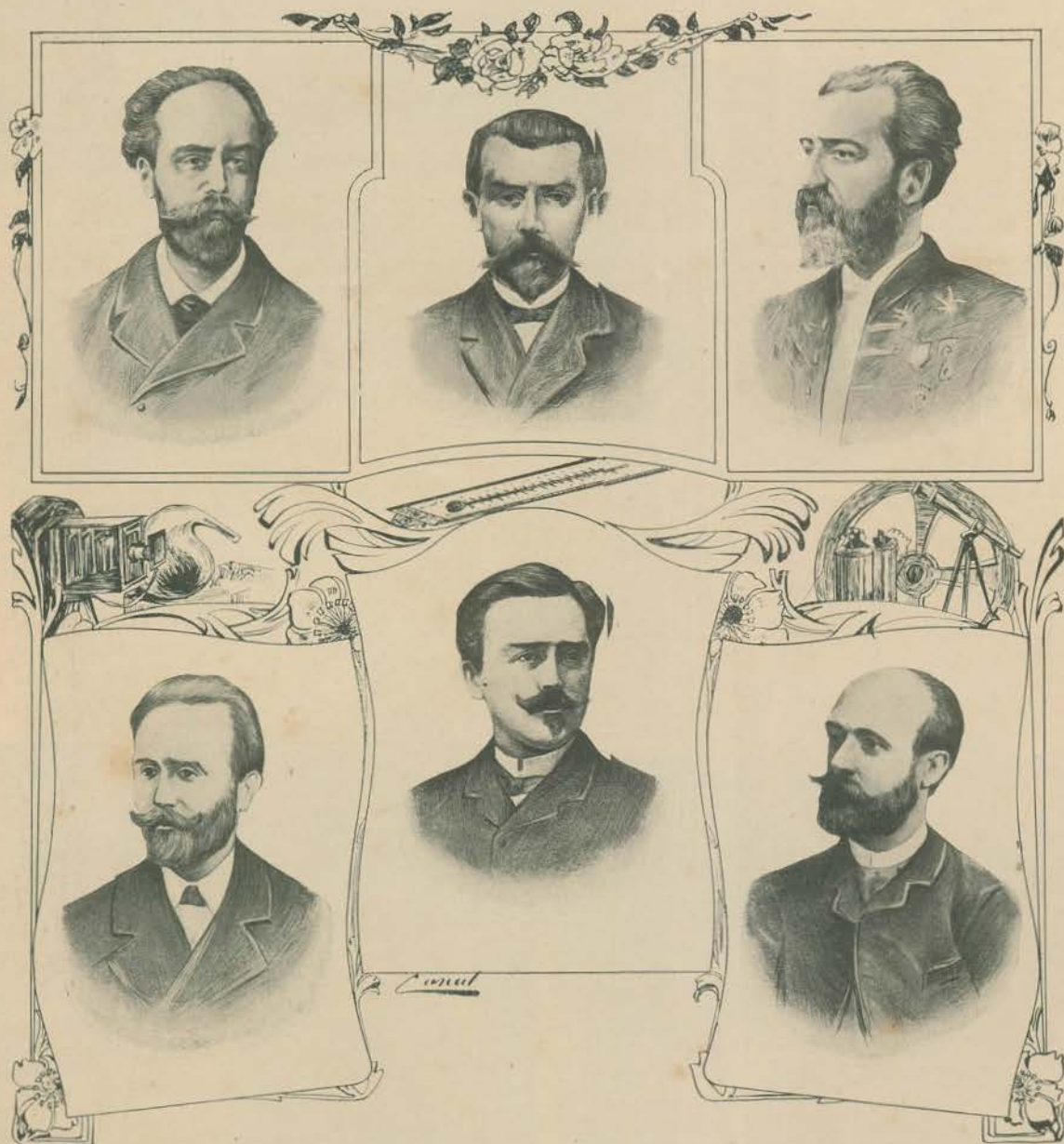
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
para o editor da ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stercotypia, lithographia e impressão— Rua Formosa, 43— Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1903

NUMERO 109



Os sábios que fizeram conferencias no Museu de Historia Natural de Paris : no dia da visita de S. M. El-Rei áquelle estabelecimento  
scientifico e foram agraciados com a commenda de S. Thiago

Gabriel Lippman, physico, que falou sobre a photographia a côres—Dr. Pierre Emile Roux, que falou sobre o serum—Henri Moissan, medico, que falou sobre o diamante—Pierre Curie, physico, que falou sobre o radio—Edmond Perrier, naturalista, director do Museu, que abriu a sessão e foi agraciado com a gran-cruz da Conceição—Antoine Becquerel, que falou sobre o radio.



# Chronica

## Figaro

Por uma gentil lembrança do rei de Portugal pende agora da parede da sala nobre do grande jornal da rua Drouot um quadro que representa Figaro, o patrono do periodico francez, com a sua viola e com a sua *montera*, com a sua jaleca e com a sua larga cinta que é uma evocação do Figaro malicioso e amigo dos desgraçados, um tudo nada simples, um pouquinho ironico, ousadamente traquinas e infantilmente generoso. Emfim é um Figaro de sangue castelhano puro, romantico e escaldante que lhe atira o coração para a bôca e o faz sacrificar-se pelo primeiro homem que encontra com a sua paixão na alma e com a sua capa traçada; é seguramente esse Figaro, que o rei de Portugal offereceu, uma imagem do immortal barbeiro como conzinha para a imprensa d'osso patz.

Além, n'aquella parede, no vasto salão onde as celebridades de todo o mundo passam, o quadro que o rei offereceu ficará, pelos tempos fóra, a attestar a espirituosa lembrança d'um espirituoso monarcha. E Figaro, além, pôde estar tranquillo, pôde escutar e commentar todos os ruídos do *bouterdard*, todas as questões da França, todos os factos do mundo, pôde ficar com o seu sorriso bondoso e ironico a um tempo, sem coisa alguma recocar, pôde continuar calmo, encostado á viola com a sua *montera* e com a sua larga cinta, porque as turbas o respeitá-lo, porque, no fim de tudo, elle, que foi assim tão bom e tão philosopho, encabeça agora um jornal. Ali está mais ao abrigo das provocações do que na propria obra de Beaumarchais, que uma geração iconoclasta de amanhã pôde desfazer.

Em França tudo pôde ser destruido menos o jornal; esse vive com o seu publico, com a sua gente, dirige o avanço, caminha e guia na segurança de que cumpre uma missão. Quem não concorda afasta-se ou combate pelo mesmo meio da imprensa as suas opiniões, mas não passa d'ahi. Por isso Figaro pôde estar socegado, não só porque é a recordação amavel d'um rei, mas tambem porque está portas a dentro d'um jornal. Figaro pôde ouvir, com risos alegres, os versos d'Almaviva, sem desmascarar, antes auxiliando esse grande que ama a valer:

*Je suis L'indor ma naissance  
c'est commune ...*

Porém, nem em toda a parte, nem em todos os jornaes do universo um Figaro, mesmo vindo d'uma regia mão, poderia estar tanto em paz, manter o mesmo ar, e ser a mesma coisa. Em Barcelona, por exemplo, se a deliciada lembrança do monarcha tivesse sido para um altivo jornal catalão, o



A VIAGEM REAL—Aposentos de S. M. El-Rei no Hotel Bristol: Sala de recepção

mento, de termos accordes, mas de defeza, de arrojada lucta, de enorme desafogo; ali, o Figaro não ouviria, serenamente, a canção d'Almaviva, ali desmascararia o grande a quem auxiliara e que o atacava.

Seria esta a differença entre os dois Figaros, se, por acaso, um soberano tivesse apresentado com elles duas redacções em tão proximos paizes. D'um lado, um barbeiro, sereno, a falar alto, do outro, o mesmo barbeiro falando alto, mas a tornar-se colerico

Na patria do auctor o riso, a ironia, mas o respeito de todos pela perso-

nagem; na patria da personagem a mesma ironia, a mesma critica sagaz, mas a resposta dada com sabres, com montes de lenha incendiada, com berros, com imprecações, e Figaro, ali, amaldiçoaria o mundo, como faz na sua evolução através a obra de Beaumarchais.

E entre nós?! O que seria um Figaro, pendurado n'uma das nossas redacções, com aquelle ar galato, com a sua veste castelhana?!

Que diria elle?!

Qual seria o seu papel?!

Naturalmente, como nas redacções de França, seria ironico, mas acabaria na pelle de Brid'Oison a cantarolar:

*Tout fini par des chansons*

E isto mercê dos nossos temperamentos, do nosso sol resplandecente, do nosso conhecimento uns dos outros, e, sobretudo, da grande e extranha philosophia que nos acompanha.

Figaro seria ironico sim, mordaz talvez, mas acharia sempre que tudo deve acabar em bem.

*Tout finir par des chansons*

RÓCHA MARTINS.



O Hotel Bristol onde S. M. El-Rei se alojou após a visita official

Figaro, sem duvida, teria não só incarnado a sua segunda phase, mas ter-lhe-ia sucedido o mesmo que ás Memorias do seu auctor relativas ao caso Goetsman.

Poderia esperar, pelo menos, um auto de fé, como um bando de officinas acaba de fazer ao material da redacção do jornal barcelonez o *Cugat*. Ah! Figaro, increparia com violencia, falaria com a sua ironia mais cortante, chegaria á morriçadeira e da sua viola faria um instrumento não de suavidade, de doce embala-



A VIAGEM REAL—Aposentos de S. M. El-Rei no Hotel Bristol: Casa de jantar



A VIAGEM REAL—Aposentos de S. M. El-Rei no Hotel Bristol: Quarto de cama





**A CHEGADA DE S. M. EL-REI A PARIS — O rei de Portugal na carruagem com mr. Loubet, presidente da Republica Franzeza**

Com um movimento da mais viva sympathia, o rei de Portugal, ao chegar á gare do bosque de Bolenha, estendeu as mãos ao presidente da Republica Franzeza, que, todo sorridente, recebeu aquella prova de estima e recordou a grandiosa recepção que tivera em Lisboa. O cortejo, entre alas de tropas, poz-se a caminho para o

Camp d'Orsay, onde fica o ministerio dos negocios estrangeiros, no qual S. M. se alojou. Por todo o percurso resbotavam espontaneas as aclamações e á chegada ao palacio o sr. Mollard, chefe do protocollo, com todo o pessoal do ministerio dos estrangeiros, recebeu S. M. e o presidente da Republica, saindo el-rei uma hora depois

para ir fazer a sua visita a mr. Loubet no Elysee. No palacio que S. M. habitou durante a sua visita official a Franca morou out'ora o conde d'Orsay, Guilherme Gabriel, que foi director das Bellas Artes e amigo de Napoleão III. Ao rei de Portugal, no mesmo dia da sua che-

gada, foi offercido um banquete no Elysee, trocando-se brindes, que foram a ratificação d'aquelles que se fizeram em Lisboa por occasião da visita de Loubet e que bem demonstram o grau de affectuosidade entre Portugal e a Franca.





**A VISITA RÉGIA A PARIS—A recita de gala na Opera de Paris á qual assistiu S. M. El-Rei com mr. Loubet, presidente, da Republica, e com madame Loubet**

A Opera é o mais bello theatro do mundo e foi construido por Garnier desde 1862 a 1874; na fachada tem alguns bustos e estatuas, algumas das quaes bem notaveis como o *Drama* de Falguière, o *Idyllo* d'Aljolin, *O Canto de Dubois*, a *Musica* de Guilhermo, a *Poesia* de Jouffroy, a *Dança* de Carpaux, etc. Antes de estar installada no actual edificio todo de sumptuosidade e magnificencia occupou diversos locaes em Paris, como o Palais Royal, Porte Saint Martin, Sala Favart, Theatro Nacional, Sala Ventadour e outros. Na recita de gala a que assistiu S. M. El-Rei com mr. Loubet e mada-

me Loubet, estava representada a colonia portugueza por os mais distinctos dozes seus membros e tambem alli se encontravam alguns dozes nossos compatriotas de passagem em Paris. Estavam nos camarotes e na platea os srs. condes de Val-Flor, Arzontio Bossa, Mannel de Castro Guimarães, viscondessa do Faria, dr. Alberto d'Oliveira, José Guedes, Pimentel Pinto, dr. João Barral, conde de Solis, Victorino Vaz Junior, dr. Queiroz Ribeiro, etc. A' passagem de S. M. na escaadaria monumental a banda da guarda republicana tocou o hymno da Carta e foram levantados muitos vivas á familia real

portugueza. El-Rei durante a representação olhou para os bastidores onde se encontravam muitos convidados e, sorrindo, disse espirituosamente não imaginar que nos bailados tomasse parte tanta gente de casaca. O director da Opera, subedor do dito de S. M., reprehendeu o porteiro da caixa por não ter velado pela boa ordem no palco e suspendeu-o por quinze dias, constando que S. M. intercedera por elle, visto o seu simples dito ter sido a causa fortuita do castigo que foi infligido ao pobre homem, e que da melhor vontade o director attendera o desejo que S. M. manifestára.



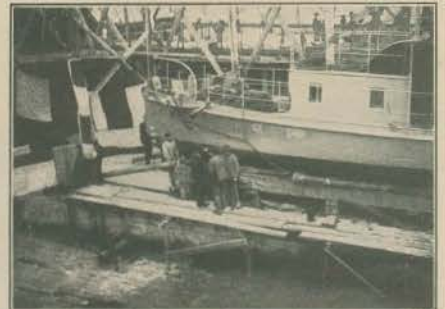
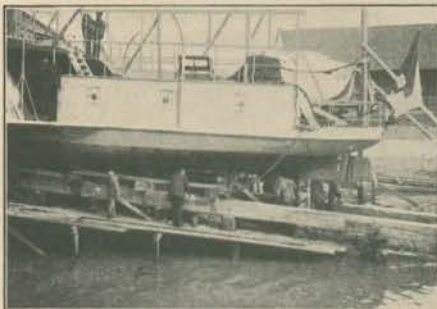
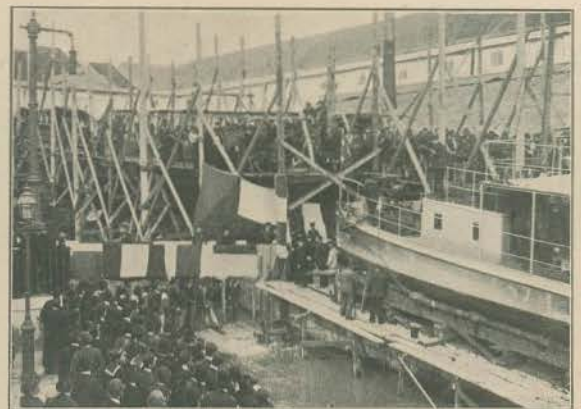
**Mr. Gaston Calmette**

Um dos mais celebres jornalistas francezes e director do grande jornal parisien- se *O Fíguro*.



**Fíguro**

Croquis da agnarella que S. M. El-Rei offerecen á redacção do jornal *O Fíguro* de Paris, em cujas salas se yao realizar um *Fires-clock* em honra do soberano portuguez.



**O lançamento á agua da lancha-canhoneira -Infante D. Manuel- em 28 de novembro na carreira do Arsenal da Marinha**

A lancha-canhoneira saíndo da carreira—S. A. o senhor infante D. Manuel depois de bater a cavilha—Ao tirar as cunhas da ré—S. A. o senhor infante D. Manuel despedindo-se do ar. contra almirante Ferrelleira de Amaral—Preparando para a largada

Com o saldo do producto da subscrição aberta entre a colonia portugueza no Brazil para a construcção da canhoneira *Patria*, fez-se este pequeno barco que é destinado ao serviço da fiscalização no rio Minho e recebeu o nome do infante D. Manuel, que, como seu avô o fallecido rei D. Luiz, segue a carreira de marinha, sen-

de actualmente aspirante. A lancha-canhoneira é toda d'aço zincado e tem as seguintes caracteristicas: Comprimento entre perpendiculares 24, m 600, bocca de fluetuação 4 metros, altura da carena a meio 0, m 680, calado de agua a ré 0, m 720, a meio 0, m 580, avante 0, m 440, superficie maxima na casa mestra a 0, m 18, deslocamento 37,600

toneladas, tendo a machina 64 cavallos de força. O commandante do novo barco é o 1. tenente sr. Elyzio do Nascimento, que commandava a *Rio Minho*, a qual yae ser abatida do effectivo da marinha. S. A. o senhor infante D. Manuel assistiu acompanhado pelo sr. D. Fernando de Serpa ao lançamento da canhoneira á agua.



# A capital d'um novo reino

Christiania, com as suas casas de telhados em rampa por causa das nevadas, fica á beira d'agua, que lhe reflecte as moradias e as arvores verdes; é um lindo porto onde os barcos ligeiros, do pouco fundo á molha do país, veleiros e elegantes, que navegam nos estreitos, trazem as carregações de peixes que vão para as piscinas do mercado amplo, onde, nas manhas, as lindas norueguesas, com as suas toucas brancas de casadas ou com as cabeças descobertas, vão escolher no *ardum* aquelles

cional, que é o culto do passado, e em que se representa no seu theatro, um dos melhores do mundo, alguma d'essas peças fortes, intensas e cheias de verdade que Ibsen ou Bjornstern escreveram a aguentar diante do mundo o prestigio da litteratura norueguesa que Ludvig Kolberg iniciou, e que é o culto do presente.

O *ski* é um jogo de dextreza e de gallardia, um *sport* proprio d'essas regiões de neve e de serenidade. Arranjam os recintos junto aos montes nevados, a uma altura consideravel, vestidos os concorrentes com os seus trajes de patinadores, trazendo nos pés os patins recurvos e apoiando-se n'uma grande vara, veem lá do alto mantendo-se n'um enocho equilibrio, n'um deslizar de ver-

gos em que os northmandos mostravam a sua dextreza, não excluso, no cidadão de Christiania, de Bergen ou do Drontheim, o gosto pelo theatro, onde vai como a um exercicio religioso. Até a um certo tempo essa litteratura foi toda dinamarqueza; no theatro só as peças dos escriptores d'aquella nacionalidade se representavam, mas um dia houve um arrojado projecto que Ole Bull, o empenhoso que consubstancia a verdadeiro caracter noruegues, a ponto de lhe chamarem o *roulade de ferro*, poz em pratica.

Foi em Bergen que fundou o seu theatro, um vasto barracão de madeira, na praça de Egen. Os actores não falavam noruegues, o publico não o ajudava, o em-



Villa perto de Christiania

que devia ser preparados nas suas cozinhas d'um asseio flamengo.

Esse povo noruegues, que guarda, com alguns dos costumes primitivos, um bello fundo de valor e que na sua exterioridade ingenua occulta uma educação moderna e orientada, fez da cidade, onde agora foi acclama-

ção disputando a chegada até á planície gelada tambem, onde o publico o acclama e onde outr'ora o rei Oscar passeava com o seu bonet de *clubman*, alto, mesmo muito alto, correspondendo ás saudações dos subditos.

O *ski* enthusiasma, faz brotar saudações espontâ-



A cidade vista do palacio real

proario perdia dinheiro e o theatro nacional, que depois devia ser tão brilhante e tão glorioso, teria succumbido á nascença sem a vontade tuncicissima d'esse homem e sem o seu talento que o fez descobrir Ibsen, então praticante de botica. Chamou a si esse rapaz, que mostrava boas disposições, e recommendou-lhe peças



A Universidade

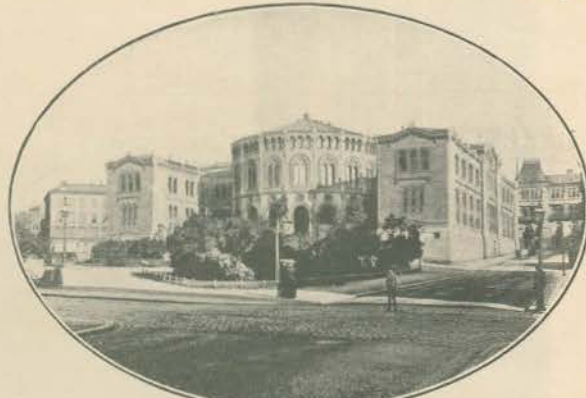
mado Haakon VIII, um canto d'exceptional belleza e de grandioso conforto.

Alegre e garbada, com os seus edificios e com as suas estatuas, ella encerra de vida, d'enthusiasmo, de excitação diante de dois grandes acontecimentos contrapostos.

Nos dias em que se faz o concurso do *ski*, o jogo na-

reas dos labios; as mulheres, e entre ellas ha'uma grande maioria de verdadeira belleza, sauntam tambem os vencedores, que são podem considerar pagos com uma mirrada d'esses olhos d'um azul sem equal e com um sorriso d'esses labios: finos, rosados e gentis, como só vemos em estampas de lindos chromos de Natal.

A paixão pelo *sport* nacional, por esse resto dos jo-



O parlamento

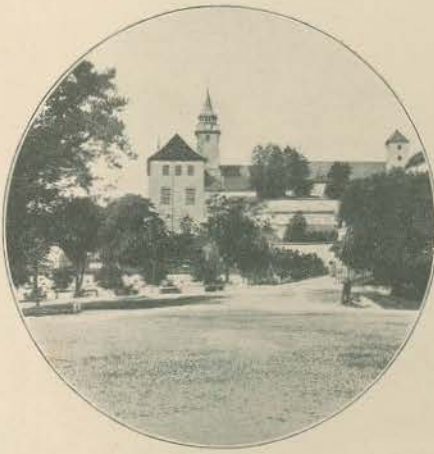
que tiveram successo como a magica *Noite de S. João*, *Lager d'Astral*, a *Festa de Solhang*, etc.

Do Bergen passou propriamente para Christiania o theatro noruegues que assim se implantara e então o dramaturgo foi para a capital e ali chegou ao esplendor do seu gosto, bent como Bjornstern, que cothecen e de quem se tornou amigo.



Rensaa n'uma contada proximo da cidade





Uma velha fortaleza

Todos os annos se representa uma peça do grande dramaturgo e todos os annos a multidão forma alas para o ver passar para ir entregar a sua obra á empresa theatral. Quem chega a Christiania encontra em cada cidadão um *cicerone* para lhe indicar a casa onde reside o grande escriptor ou a carroçaria onde costuma sentar-se a tomar o seu *bock*. Esse respeito pelos seus homens de letras demonstra bem o grau de cultura intellectual que esses jogadores do *ski* possuem; e essa admiração, esse respeito in até á familia real que, apesar de combatida algumas vezes na obra jornalística de Ibsen, o considerou sempre como elle merece.

Durante a estação calmosa, o rei Oscar, com a sua familia, ia passar uns tempos a Bergen ou aos arredores de Christiania e ficava deshabitado o palacio da capital, cujos jardins eram franqueados ao publico enquanto os reis estavam ausentes.



Uma criança em traxajo de jogadora do *ski*



O mercado

do rei Oscar pedindo-lhe que continuasse os seus passeios e, para não ter que se incomodar a chamar os criados, enviava-lhe, tambem, uma chave do portão dos jardins. E essa chave á bom a prova de quanto se admira o homem que fundou o theatro noruegues.

As ruas de Christiania, todas de belleza e de garri-dice, encheram-se agora da mesma multidão eulhasiastica dos dias do *ski* e das peças dos grandes escriptores nacionais, para saudar o soberano eleito por um plebiscito e, no mesmo dia em que os canhões troavam a annunciar a chegada de Haakon VIII á sua famosa capital, o telegrapho trazia-nos a noticia de que Ibsen estava muito doente, como se quizesse partir do mundo antes do ver o novo rei, elle, o liberal e escriptor avançado que desejava, talvez, para a sua patria um governo differente.

Mas podia ficar que Haakon lhe deixaria a chave dos



O exercicio do *«sport»* nacional

Ibsen ia todas as tardes sentar-se sob uma grande arvore a meditar, talvez, as suas obras, ou descaçar da fadiga da producção; e de tal maneira se affieçou ao seu passeio que o continuava á mesma hora e todos os dias. Chegara o oitavo e a familia real voltara para Christiania. O dramaturgo, como de costume, dirigira-se ao jardim do palacio e encontrá-lo já fechado. Ficou



Torre de Christiano IV

surprezo, interregou um guarda que lhe appareceu e que lhe deu a seguinte explicação:

— Já cá estão Suas Magestades.  
Ibsen retirou-se contrariado, o pobre velho, pela falta do seu prazer n'esse banco e sob a grande arvore que já amava.

Mas ao chegar a casa encontrou um bilheto do punho



O rei Oscar passeando n'um dia do jogo do *«ski»*

seus jardins e o saudaria na rua, nos dias em que elle fosse levar a sua peça ao theatro, com todo o enthusiasmo da sua alma joven de dinamarquez, que a realza, decerto, transformou n'um bom noruegues, n'um cidadão digno de habitar n'essa Christiania o paço real de lindos jardins que o grande dramaturgo tanto ama.



A igreja maior



Terraço Victoria onde Ibsen costuma ir pelas tardes





As officinas do Creuzot, onde estão sendo fabricados os canhões destinados á artilharia portugueza e que S. M. agora visitou, eram em 1781 uns simples abarracamentos que não se desenvolviam. A industria do ferro estava então na sua infancia; a Revolução Franceza veio ainda perturbar mais a vida d'essa fonte de riqueza

para a França e que durante muito tempo depois ainda esteve paralyzada. Em 1837, a Sociedade formada pelos irmãos Schneider tomou conta do Creuzot; o ferro começava a ser utilizado sobretudo em locomotivas e em material de guerra; os exércitos da Europa reformavam o seu velho armamento e com um grande tacto os Sch-

**A VISITA REGIA A PARIS; NO CREUZOT—S. M. el-Rei com o seu sequito vendo forjar uma arvore de motor**

neider entraram a fazer grandes fornecimentos por toda a parte. As officinas desenvolviam-se cada vez mais e a dynastia dos Schneiders domina hoje no campo industrial. Actualmente no Creuzot, celebre em todo o mundo, fazem-se toda a especie de trabalhos em ferro e aço, os canhões, as vias ferreas, os instrumentos agricu-

las, todo o material que alimenta a guerra, a industria, o commercio, que serve para as explorações modernas e para as defezas das nações ao d'all. Nos seus altos fornos fundem-se por anno muitos milhões de toneladas de ferro e elles occupam uma grande extenção, bem como as officinas de laminação e as do aço onde se fa-

zem as blindagens dos maiores navios e os mais bellos canhões do mundo, pois os Schneiders já l'baletam os Krupps n'uma guerra de milhões por todos os mercados. Foram essas immensas officinas que tem n 300 kilometros de via ferrea que S. M. El-Rei visitou detendo-se em

frente do grande pilão de 100 toneladas e vendo fabricar uma arvore de motor. Schneider offerreou uma brilhante festa e um jantar a S. M. e á comitiva no seu palacio que fica na região, tendo El-Rei agraciado o grande industrial com a gran-cruz da Conceição.





Sr. condé de Sabrosa, presidente

Sr. Frederico Pereira Palha, vogal  
A da comissão administrativa

Sr. condé de Sabrosa, thesoreiro



O refetório



A cozinha



O grupo installador: srs. inspector de policia administrativa Manuel Moreira Feio, governador civil D. Jorge de Mello, chefe commoedor Alexandre Morgado, engenheiro director das obras Frederico Taveira, administrador das casas de trabalho José Maria dos Santos (Santolillo).



A fachada da primeira casa de trabalho

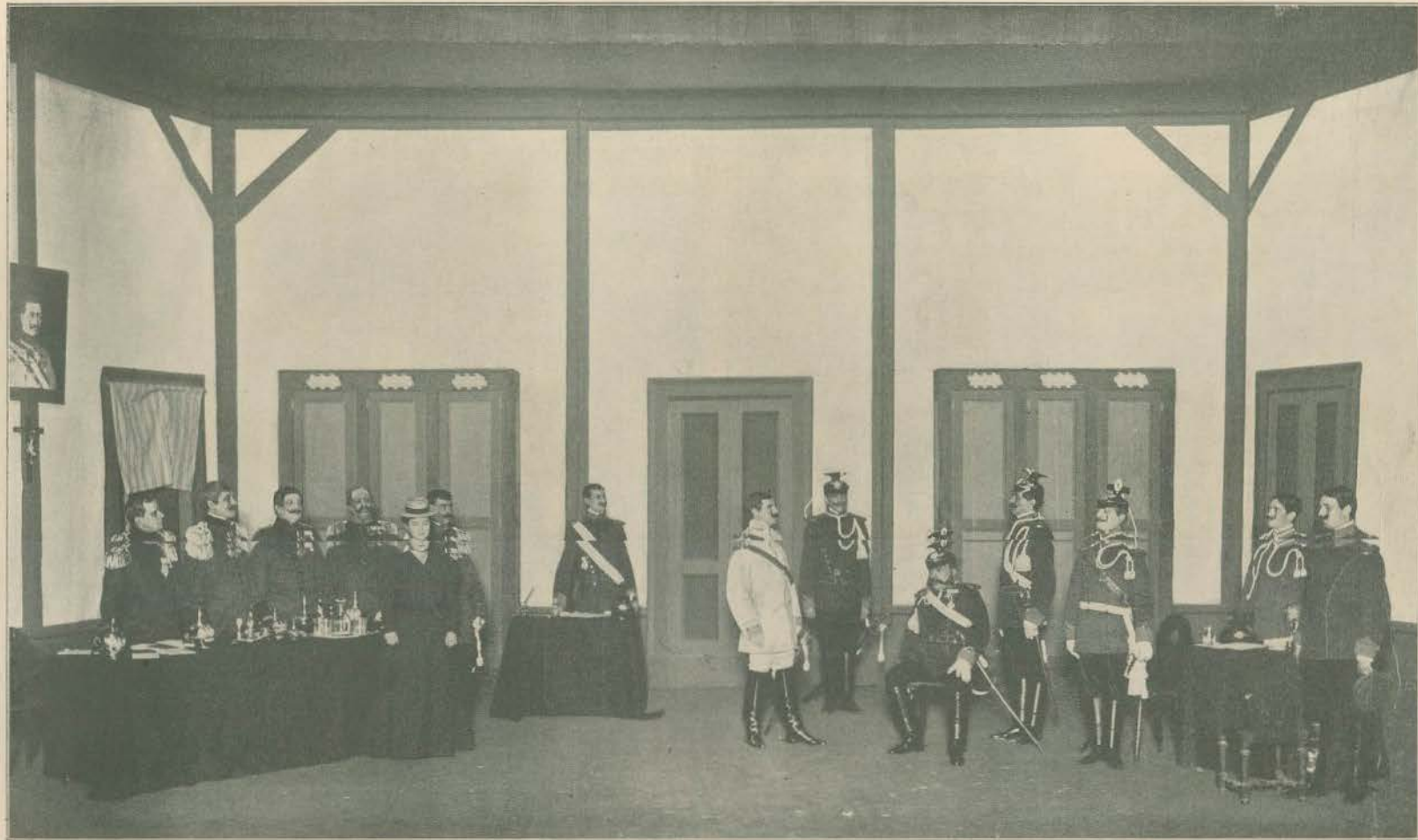
#### AS CASAS DE TRABALHO — A primeira installação na rua do Sacramento

O pensamento que presidiu á installação das casas de trabalho nasceu diante do grande numero de mendigos que todos os dias eram conduzidos ao governo civil por esmolarem sem licença. O numero crescia sempre, de dia para dia augmentava, e então o governador civil, sr. D. Jorge de Mello, pensou em installar umas casas onde elles fossem recolhidos e onde pudessem ser uteis na medida das suas forças á semelhança do que se faz no estrangeiro em diversos asylos do mesmo genero. Em França por iniciativa particular e subsidiados pelo go-

verno ha alguns estabelecimentos d'esta especie como a *Maison des Ouvriers*, destinada aos operarios que não obtêm reformas, a *Maison du Soldat* destinada aos soldados que se inutilisam fóra do serviço e os grandes asylos dos pobres nos quaes os recolhidos são obrigados a um trabalho, geralmente de muito pouca fadiga como o de fazer caixas destinadas a farmacias e a lojas de fazendas, embfrolhar diversos objectos em suveniros que mandam das casas que fazem as encomendas, acondicionamento de brinquedos, etc., o que lhes

é uma distracção e ao mesmo tempo ajuda á sua manutenção. Em Portugal, merecê da bella iniciativa do sr. governador civil auxiliado pelos srs. condés de Sabrosa e Sabrosa e Frederico Pereira Palha, vão ser abertas algumas d'essas casas nas quaes serão recolhidos os mendigos. A primeira fica desde já installada na rua do Sacramento á Lapa, n'um predio pertencente ao sr. Champatimand e dentro em pouco será officialmente inaugurada.





**A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA - O TOQUE DE RECOLHER, NO THEATRO D. AMELIA EM 25 DE NOVEMBRO - A scena final do 3.º acto**

João Rosa, Auditor de justiça—Alvaro Cabral, Major Pasck—Zenna, Um audite—Villa, Um membro do tribunal—Palmira Bastos, Clara Waldard—Pinheiro, Conde de Lanhebourg—Faghael Xarques, A ordenança—Augusto Ross, Volkart—Azevedo, Qelias—Henrique Alves, Tenente Lauffen—Grijó, Tenente Howen—Carlos d'Oliveira, Sargento Helbing

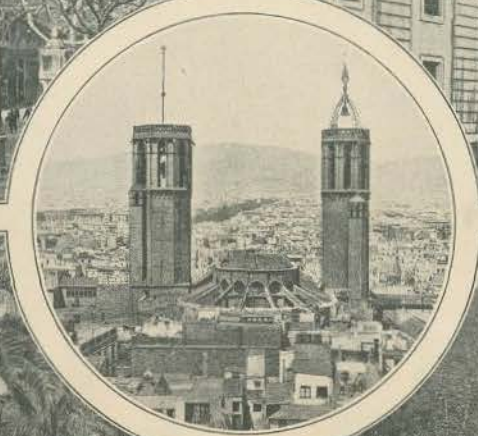
A peça agora representada tem já uma brilhante tradição, apesar de ser relativamente moderna, pois subiu á scena pela primeira vez em 29 de outubro de 1903 no Lessing-Theatre de Berlim, e do seu auctor até essa data ser quasi um desconhecido, pois a sua tragedia *Othello o Demónio* e o seu romance *Vida de crianças* e o seu pamphlete anti-militarista *Jena ou Sedan* pouco nomeada tinham dado a esse Franz Adam Beyerlein cuja obra applaudimos no D. Amelia. O auctor, a estas horas rico e cheio de gloria, foi militar na Alemanha, viu os vícios da caserna, estudou o assumpto com vontade e escreveu essa peça em que põe em relevo a brutalidade da disciplina com que um veterano do vida immaculada

mesmo na hora em que sabe a filha deshonrada por um tenente a mata e abate o revolver em frente do official, porque elle é o seu superior. É um caso simples lindamente tratado o Pesse-dram. Um velho quartel-mestre, Volkhardt (Augusto Ross), tem uma filha, Clara (Palmira Bastos), que é a noiva d'um sargento que acaba o seu curso na Escola de Hanover, Otto Helbing (Carlos d'Oliveira); no entanto a rapariga apaixonata-se pelo tenente de Lauffen (Henrique Alves) e entregara-se-lhe, sendo surprehendida no quarto do official pelo noivo. Trava-se uma discussão entre ambos, ha uma falta de disciplina n'essa discussão, o official fere o sargento com a espada e manda-o prender, descobrindo-se finalmente

no conselho de guerra os motivos d'essa disputa e acabando o velho por pedir ao tenente que se bata com elle. A loi militar não lh'o consente, e então tudo acaba pela morte da joven, que morre a agradecer ao pae a ultima caricia que elle lhe faz e a bulhuciar para o amante uma despedida. Além das personagens que citamos ha outras na peça cujo trabalho não deve passar despercebido, como João Rosa, que faz admiravelmente o curto papel d'um auditor do conselho de guerra pondo a sua grande maestria na dicção, e Pinheiro, no papel de conde de Lanhebourg, Alfredo de Carvalho no recruta Michalek, Grijó no tenente Howen, Alvaro Cabral no major Pasck e um rapaz de futuro, Azevedo,

que pela segunda vez vamos representar, e que interpretou muito bem a parte do sargento Qelias. Esta peça ao ser representada na Alemanha valeu oito dias de prisão ao herdeiro do throno, que, apesar das ordens para que nenhum official assistisse á revista, allí foi vestido á pánsua com alguns amigos. Por toda a Alemanha o successo redobrou e no estrangeiro, em França, na Rússia, na America, e agora em Portugal, esse enorme exito confirmase. Augusto Rosa tem no papel de quartel mestre uma das suas mais brilhantes creações e Palmira Bastos com os enormes recursos de que dispõe deu ao papel de Clara um altissimo relevo, uma brilhante nota.





### EM BARCELONA—Uma revolta latente

Theatro principal onde se realison a festa do movimento separatista—A Capitania de Barcelona vendo-se as torres e o simbolo da cathedral—A Praça Real onde os officiaes se juntaram para o ataque ao «Cuartel»—A Rambla das Flores onde se deram tumultos

Barcelona, a cidade d'Amílcar Barca, o grande cartaginês indomavel que parece ter deixado descendentes n'esse povo catalão, acaba de vêr nas suas ruas um tumulto de que foi causa a celebração das festas pelo movimento separatista. Os officios do exercito e da marinha que se encontravam na cidade atacaram a redacção dos jornaes que mais tem luctado pela causa da separação, partiram o material, queimaram o que puderam transportar para a praça publica n'um protesto violento contra essa acção de libertação que vive no fundo de todos os catalães desde tempos muito remotos.

Com um idioma inteiramente differente do hespanhol, tendo desenvolvido extraordinariamente o ensino uni-

versitário, artistico e industrial, a Catalunha sentese capaz e digna de se governar sem a tutela da Hespanha. D'ahi os constantes tumultos, os protestos sentidos, o tornar-se Barcelona o foco d'uma rebelião que ahi vive latente como a materia ignea sempre prompta a fazer erupção nos vulcões. As quatro provincias que tornam a Catalunha, Lerida, Barcelona, Tarragona e Gracia, tem uma extensão de 32.500 kilometros quadrados e 1.850.000 habitantes que na sua maioria se dedicam ás industrias modernas, sobretudo em Barcelona e Gracia.

Desde o seculo VIII que os frances de Luiz Debonnaire annexaram essa bella Catalunha aos seus demi-

nios crendo all o condado de Barcelona tornando-se mais tarde os condes independentes e Barcelona, com a sua liberdade, fez-se uma das mais brilhantes cidades maritimas do Mediterraneo.

Com Fernando e Isabel perdeu os seus privilegios, tornou-se uma terra annexada e começou logo a revoltar-se até agora, tendo corrido todo este tempo muito sangue d'esses catalães que arvoram a todo o momento a sua bandeira. E' amarella, a cor do desespero, com quatro travos vermelhos que os catalães explicam assim: um dos seus maiores cabelhas revolucionarios, no momento de morrer, tingiu de sangue quatro dedos e pas-

ou no peito da veste; d'ahi as quatro listas vermelhas da bandeira que os partidarios da independencia arvoram a todo o momento nas suas janellas.

Em 1842, Espartero, aquelle antigo clérigo que morreu principe de Victoria com o titulo de Alteza Real, bom bardeon a cidade revoltada. Ella refreze, respondeu-lhe com um persistente trabalho e com uma mais persistente revolta, como a que n'este momento se desenrola e ho' só na agitada Catalunha, onde ha sempre latente um espirito revolucionario, mas tambem no seio do parlamento hespanhol, onde os deputados catalães foram em nome da cidade levar o seu protesto contra o attentado do exercito.





Jorge Colaço



No dia da visita de S. M. a Rainha ao atelier de Jorge Colaço: O artista acompanhando S. M.



Batalha d'Ourique, quadro ainda incompleto que Jorge Colaço oferece ao sr. marquez de Soveral



Um aspecto do -atelier- de Colaço vendo-se ao fundo o manequim de artista, vestido em trajes mouriscos

**A arte do azulejo**

O azulejo começa a ser de novo moda em Portugal e isto graças a um artista que parece ter surpreendido o segredo com que os primeiros fabricantes d'essa linda e variada ladrilhagem esmaltavam os seus trabalhos. Foram os mouros, singulares artistas de sonho e phantasia, que trouxeram para a Hespanha no tempo da sua dominação essa magnifica decoração mural com que embelezaram as suas moradias, as suas mesquitas, os seus castellos.

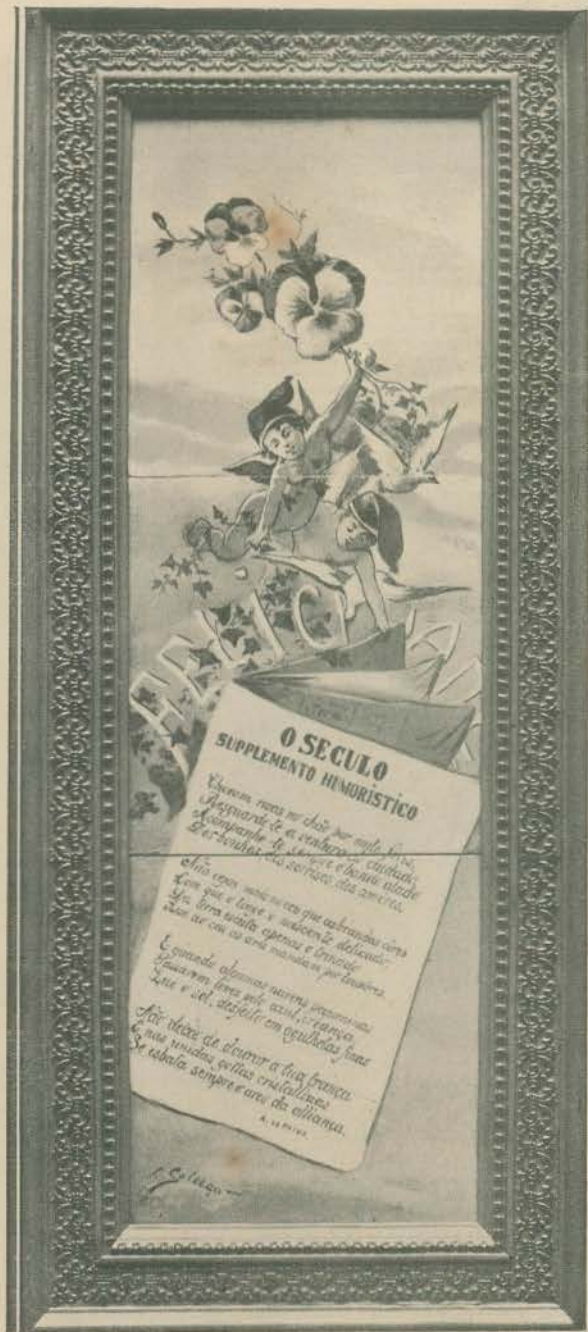
Depois o azulejo ficou como um motivo sempre decorativo, tentou artistas de maiores conceitos, embora de menor perfeição, o que nas suas decorações começaram a pintar quasi sempre coisas symbolicas, fabulas, como as que ainda hoje vemos ahí pelos claustros d'alguns velhos conventos como em S. Vicente do Fóra. A's vezes eram motivos ingenuos, biblicos, com longes decs onde appareciam perfis femininos, mulheres junto a poços com as suas cantaras, homens com os seus cajados caminhando em estradas sem fim; por vezes vinham as

batalhas, um grande tumular d'ide genticas cobertas do ferro, de lanças em riste avançando para velhos castellos que outros defendiam enraivados.

Mais tarde vieram as damas, p'peraltas e cavalheiros, e appareceram tambem as imagens, s., os santos de suaves semblantes lindamente trabalhados. Nas fabricas de Rouon o Saint-Cloud faziam-se azulejos; entre nós alguns artistas estrangeiros os trabalharam.

Após o seculo XVIII julgou-se e morta essa arte com as novas decorações que se inventaram, com as pinturas que começaram a tornar-se moda sobre as paredes, substituindo os espelhos, tambem muda durante um largo periodo.

Agora porém a arte resurge, o o azulejo implanta-se, resuscita tão bello como no passado, trabalhado por Jorge Colaço que na sua obra prefere sempre assumptos patrioticos admiravelmente tratados. Entre a já volumosa galeria das obras d'este genero do artista ha,



O quadro de azulejos oferecido à ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Silva Graça no dia do seu consorcio

além dos azulejos do Hotel do Bussaco, esse bellissimo quadro da chegada da rainha Alexandra a Lisboa e que S. M. a Rainha sembroa D. Amelia tanto apreciou ao distinguir o artista com uma visita ao seu atelier na passada terça feira.

Mas obra verdadeira de mimo e suavidade, pensamento lindo e trabalho magnifico é esse pequeno quadrinho feito por Colaço, que um outro artista, um poeta dos de mais sentimento de Portugal, Accacio de Paiva, illustrou com um bello soneto e que ambos offereceram à sr.<sup>a</sup> D. Maria da Silva Graça no dia do seu consorcio ha pouco realiado.

Desechos e soneto são todos de gentileza, com as suas phrases de rythmo, com as suas figurinhas de encanto; e este quadro, hem como as mais ultimas obras de Colaço, demonstra que a arte do azulejo volta com o antigo brilhantismo seguramente n'uma tela larga de evocações e bellezas.



# A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FELL-BRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

— Não vos dê isso cuidado. Serão dadas ordens. Esta noite a galeria estará deserta, e podereis ali circular na inviolabilidade de vossos passos. Estarei no conselho, e não vos tornarei a ver antes da minha volta.

Reuniu as duas cabeças n'um curto apoplejo, beijou-as ao de leve, e saiu rapidamente.

Nadia e Kanyadjé permaneceram um momento silenciosas, sem se separar. As palavras de Timour ainda ressoavam sobre ellas. Mas os seus pensamentos eram diferentes. Kanyadjé estava radiante interiormente, e os seus olhos ternos se erguiam para Nadia, cujo olhar aguardava.

Nadia reacquiria os sentidos aturcidos por essa scena, que lançava uma nova perturbação no seu espirito atormentado. Sentia confusamente que a salvação de Mérande e dos seus amigos não dependia da sua improvável submissão a Timour, que ella propria não podia aconsellar-lhes que trabissem o seu dever; mas agitava-lha uma vaga esperanza de que poderia agora concorrer para a sua evasão se nos tres dias de demora concedidos por Timour ella pudessem vê-los de perto, e prepará-los a fuga. Todavia, o seu pensamento detinha-se ali, e a angustia dominava o seu coração.

A voz de Kanyadjé restituía-a á realidade.

— Ora, pois, Nadia, em que pensaes? Ouvistes o que disse meu paé?

Nadia contemplava-a com uma surpresa de ignorancia nos olhos. Já se não lembrava.

— O que disse vosso paé? Quer a submissão dos meus amigos, mas com que condições? . . . Somos nós que havemos de lh'os trazer. Ai de mim!

E grossos suspiros opprimiam o peito de Nadia.

Contudo, Kanyadjé voltava ao assumpto, com um accento mais terno:

— Sim, mas eu sinto que meu paé quer salvar Mérande, pois que me dará a elle, se elle quizer.

De subito, Nadia comprehendeu. As palavras de Timour tinham produzido effeito. Mas então a evasão? . . . Kanyadjé já não consentiria na fuga de Mérande. Tornava-se inimiga em vez de aliada.

— Quando iremos vê-los? perguntou Kanyadjé, que mostrava pressa no olhar.

— Queréis vir commigo? Não vos parece melhor que eu vá primeiro só?

— Não, disse vivamente Kanyadjé.

E Nadia percebeu que a alma ciumenta de Kanyadjé se perturbava.

— Não, repetiu a douzella. E, demais, só eu vos posso conduzir lá, pois que . . .

E baixou os olhos.

Nadia sorriu-se.

— Vamos lá, mas pensemos ambas no que dizíamos antes da chegada de Timour. E' mister salvar Mérande e os nossos amigos. E a sua salvação depende mais d'elles que de nós.

E, saltando esta phrase obscura, que Kanyadjé não podia comprehender, Nadia, não querendo discutir, desejosa de se concentrar, tomou em ambas as mãos o rosto encantador de Kanyadjé, e beijou-o longamente para a acabar de convencer.

IV

## O LIBERTADOR

Enquanto Mérande conferenciava com Timour, o doutor aguardava por elle. Dava largas á sua anciedade, falando comigo mesmo e andando em volta de terraco. Este hollandez, de porte flegmatico, mas de espirito arguto e coração excellente, participava agora do enervamento de uma situação cujo prolongamento aggravava a incerteza e o soffrimento.

Depois, o descobrimento de uma machina aerea, meio de salvação tão proximo d'elles e tão difficil de attingir, punha-lhe o cerebro em oblição. O que sahiria d'essa conferencia de Mérande com Timour? E voltaria o seu capitão? Sem elle, que outra e perança haveria senão a morte mais ou menos proxima? E o doutor inactivava em bom allemão a sentinella tatar, que permanecia impassivel, sem perder de vista esse passante singular e agitado.

Herman e Bottermans, metidos nos seus aposentos, ignoravam totalmente a tempestade que rugia sob o crâneo do doutor.

Herman passava os longos ociosos do seu captivo em redigir o seu diario de viagens, e em aperfeiçoar pelo calculo os seus instrumentos de exploração das elevadas altitudes. Como homem affeito ao perigo, esperava uma morte prevista sem o seu rosto manifestasse a menor commoção. Pouco communicativo de sua natureza, era contudo profundamente dedicado aos seus companheiros, e sabia com uma palavra esclarecer e rectificar um erro ou um desfallimento.

Bottermans pensava constantemente em Nadia, e não podia consolar-se do seu desaparecimento. Antes queria crer na morte d'ella do que na sua traição, e, contudo, nunca subia ao terraco, sem espreitar se nas galerias ou no fundo longinquo da explanada uma forma



— AH! DISSE ELLE, ABRIU-OS BRAÇOS.

branca viria recordarlhe o andar d'aquella que elle chorava em silencio. Mas, sempre desenganado, retrahia-se na sua alma mortificada; o seu somno era perturbado de pesadelos e de allucinações.

Van Korsteen, cansado do seu tormentoso passeio, desceu do terraco, quando lobrigou Mérande á entrada do corredor, conduzido pelos seus guardias.

— Ah! disse elle, abrindo os braços.

Mérande lançou-se n'elles, comprehendendo a angustia do doutor, e desejoso de abafar n'um apoplejo de amigo o que o opprimia depois da sua sahida do palacio.

Mérande poz rapidamente Van Korsteen ao facto do que acabava de ouvir e dos derradeiras exigencias do conquistador. Não lhe occultou que quizera ganhar tempo, não mantendo uma opposição inflexivel; mas que lhe restava para tomar uma decisão suprema? Vinte e quatro horas apenas. Essa decisão, ambos a sentiam ineluctavel, era a recusa formal, definitiva, e por consequencia a morte. Porque o seu consentimento, embora fingido, dado *in extremis*, em garantia de uma vida precaria, talvez desculpavel, se a traição estivesse só nos labios, tornava-se sem certamente e bem depressa na obrigação de cumprir: as vontades do Senhor, e de o auxiliar por consequente na sua obra de destruição.

— Ainda se houvesse, dizia o doutor, alguma probabilidade de trahir o só Timour, deitando-lhe fogo á cortezia sobre um aerostato no momento opportuno, a gente

poderia arriscar-se a uma conversão de sycophanta. Mas elle não nos deixará d'esse modo fazer ao largo, e teremos sempre no encalço os seus balegnins. Na realidade, seremos sempre seus prisioneiros, com a desvantagem de ser forçados a ganhar a vida, com a faca no pescoço, e á custa dos nossos concidadãos distantes, que concorreremos sem duvida para serem trucidados. Saha! . . .

— Sim, approxima-se o termo. Mas, enfim, disse Mérande, temos ainda vinte e quatro horas. Oxalá que a Providencia nos socorra e nos envie o libertador! Já não podemos contar com elle. E será preciso prevenir já os nossos dois infelizes amigos e reunir o conselho? Não, ouso fazel-o tão cedo. Sem duvida, serão do mesmo parecer que nos. E' inutil perturba los antes de tempo. Esperemos, não é assim?

— E vamos dormir. . . o nosso ultimo somno, como nas noites da nossa infancia. Quem sabe se acordaremos nos ares, arrebatados pelos ajués?

E Van Korsteen firmou com uma gargalhada a sua chalaca fúnebre.

Reuniram-se no jantar os quatro amigos. Mas a tristeza pairava sobre elles. Até o doutor esteve sempre sombrio. Mérande reflectia no problema insolvel de uma evasão em vinte e quatro horas. Herman notou penetrantemente a sua preoccupação, mas não queria penetrar as causas d'olla. Bottermans foi monos reservado, e não pôde deixar de falar em voz alta:

— Que ar tristonho que tendes, Mérande! E vos tam-



bom, caro doutor! Que ha de novo a respeito da invasão? Que desgraça nos espera?

E a sua alma interrogava com esta pergunta secreta, que Mérande adivinhava! «Nadia!»

O official, porém, tranquillizava o sueco: — Não, penso unicamente que não vamos demorar-nos muito tempo em Samarkande. Certos signaes e rumores me levam a crer que a partida está para breve. E pergunto a mim mesmo onde seremos arrojados pelo torrente... e o que será da Europa!

A conversação continuou, frouxa, sobre esse assumpto. Em breve a noite, que calhira de todo, trouxe o silencio. Herman e Bottemans retiraram-se primeiro, conforme o costume. Van Korsteou ficou um momento com Mérande.

— Coragem e esperança disse elle ao deixá-lo, temos visto cousas tão extraordinarias até agora! Vae-se vivendo... Até amanhã, até amanhã.

Depois da partida de Van Korsteou, Mérande continuou as suas reflexões solitarias. Recordava a sua conversação com Timour, e não via outra sahida senão a apostasia ou a morte, como outr'ora os martyros. Esta formada a sua resolução, pois via bem a impossibilidade de enganar Timour—e, contudo, ignorava que presentemente lhe fazia esperar confusamente um desenlace menos tragico. Não havia elle supprehendido no accento de Timour como que uma especie de fraqueza, quando o ameaçava? Esse afrouxamento de o associar á sua marcha victoriosa seria sincero, e um homem tão intelligente, como Timour parecia sê-lo, poderia acaso suppor que elle, Mérande, muito embora annuísse, o serviria lealmente contra a sua raça e os seus sentimentos? Desejaria salvá-lo sem mostras de submissão, para que os lamas se calassem, com o proposito de sentir o jubilo orgulhoso de prender europeus ao seu carro triumphal, e de os mortificar com o espectáculo do velho mundo civilizado, submergido pela onda amarrellada do seu ultimatum marcava uma hora proxima; mas o que lhe importava a morte de quatro infelizes, quando as suas victorias lhe asseguravam a cega confiança dos invasores?

O pensamento do Mérande oscillava n'estas duvidas escuras. De serio que o temer não lhe opprimia o coração, mas elle sentia-se tomado da vertigem dolorosa do homem que seque pela beira de um abismo, cujo fundo e sahida se não enxergam claramente. E de cada vez que a sua vigilância levava para junto da janella, o seu olhar avido buscava no céu estrelado, por cima de Samarkande, o aerostato desejado, que não era para elle mais do que a última illusão.

Ja, pois, deitara-se, quando sentiu na porta um ligeiro ruido. Depois, a porta, que não estava fechada, foi brandamente impellido, e no fundo sombrio do corredor surgiu uma branca apparição.

—Kanyadjé disse Mérande em voz surda, e adiantando-se.

Mas parou indeciso, porque a mulher, que vinha adiante não estava só. Meio occulta por detrás, seguia-se outra, enquanto a porta se fechava. Era mais alta que Kanyadjé e que avançava. Por baixo dos estofos de lá que a envolviam adivinhava-se uma figura elegante e alta. Um clarão subito atravessou o cerebro do Mérande.

—Nadia!

E o seu pensamento souu bem alto.

Como que respondendo a essa dupla invocação, as duas mulheres descobriram-se. A' vista de Nadia, Mérande fez um movimento de recuar. Nadia ora sempre bella, d'essa belleza sombria que os seus olhos ardentes illuminavam, mas o seu olhar fixava Mérande com essa decura amigavel, que elle já experimentara na scena terrivel em que a tração da sua companheira obthinha de Timour o seu perdão.

Entretanto, o olhar de Mérande responde com um frio desprezo, enquanto os seus braços se cruzam lentamente sobre o peito. Vê Nadia vestida á moda oriental, tendo em volta do pescoço e dos quadris os ornatos de ouro, que demonstram a sua escravidão, e para Nadia o seu silencio é mais cruel do que a injuria que ella esperava.

Nadia, porém, do subito, sem dizer nada, toma pela mão Kanyadjé, e sob o doce sorriso d'esta commove-se o coração de Mérande. Recordou-se d'elle lhe ter dito: «Voltarei». E tratou com Nadia. Na união d'essas duas mulheres, que, silenciosas, o contemplam, e parecem dizer-lhe: «Estamos de accordo», Mérande prouva adivinhar se ellas lhe trazem novas dores ou consolação. Kanyadjé, junto de Nadia, de quem tivera ciúmes, mostrava que ambas se haviam entendido a seu respeito. Qual seria o seu designio? E se Nadia ouzava apparecer deante dos seus amigos, não havia duvida em que se podia justificar ou obter perdão.

Na confusão dos seus pensamentos, Mérande falou primeiro:

—Nadia, que vindes aqui fazer?

E a sua voz exprimiua-to-la a amargura do seu coração. Mas Kanyadjé, adiantando-se:

—Disse-vos que voltaria. Voltet com Nadia, vossa amiga, sempre vossa amiga!

E Kanyadjé carregava n'estas palavras, ao passo que Nadia continuava em silencio a observar Mérande, confirmando com um sorriso melancolico as affirmações da donzella.

Mérande serenara. Voltava a ser o chefe da missão, e ao mesmo tempo a sua sensibilidade natural não se esquivava ao encanto de acolher e escutar aquellas que vinham de noite, sem duvida atravez dos perigos, trazer-lhe a esperança.

—Agradeço, Kanyadjé... agradecido... Rogo-vos que me expliqueis o que é que vos traz junto do mim. Tremo da vossa imprudencia.

Mérande negava-se ainda a interrogar directamente Nadia. Estão esta approximou-se com a sua firmeza habitual:

—Escutae, Mérande, não v'ou ter convosco para me justificar ou desculpar-me. Sei que me julgaes culpada, nem podeis pensar de outro modo. Todavia, Kanyadjé disse-vos qual foi o successo fatal de circumstancias que me arrastou... Mas não ignorei qual é o meu dever para convosco e o com os outros... Salvai-vos uma vez... ou, pelo meoens, tenho-vos conservado a vida até agora... Dessejaria... salvar-vos até ao fim.

—Até ao fim? interrompeu vivamente Mérande, até onde, pois? E qual podde ser a nossa salvação? Por que preço a comprariæis?

Ao ouvir estas palavras, e que trahiam o seu pensamento, Nadia estremeceu e empertigou-se. Porém, já lamentava o seu arrebatamento.

—Perdoae-me, Nadia, se vos offendi, fiz mal. Sou um condemnado, mas sou homem; fui vosso amigo, e devo-vos respeito, como a toda a mulher. Creio que vindes sinceramente, e ainda me lembro da vossa perda e da vossa coragem para vos accusar de fraqueza. Vamos, falae que eu vos escuto.

—Tendes razão em não duvidar das minhas intenções. Quero salvar-vos, e Kanyadjé tambem o quer. E Timour egualmente, como sabemos.

—Timour disse-me quees são as condições com que concebo o nosso salvamento. Vindes confirmal-as?

E Mérande recitava em qual seria o accordo secreto que trasia Nadia e Kanyadjé passadas algumas horas depois da sua entrevista com Timour. Dizia-lhe uma intuição claramente que Timour as mandava para completar a sedução. E promunia-se antecipadamente contra o assalto que previa, sobretudo da parte de Kanyadjé.

Nadia tambem se sentia embaralhada. Adivinhava a perspicacia de Mérande, ao mesmo tempo que estava persuadida de que elle não cederia. Desde o principio que ella se não deixára embair pela illusão de Timour a esse respeito, mas sabia agora que Kanyadjé amava Mérande, que queria a sua vida, pois que Timour lhe dava, e que a donzella, tão ardente e soberana, desejava conservar aquelle a quem amava. Ora, Nadia affagava no fundo do seu coração, n'uma esperanza contradictoria da de Kanyadjé. Queria fi fazer fugir Mérande e os seus amigos, e como lhe era ainda desconhecido o modo de evasão, só buscava prolongar a demora concedida por Timour, ainda á custa de n'uma submissão fugida. Eis o que ella teria querido explicar a Mérande, se estivesse a sós com elle. Mas a presença de Kanyadjé impunha-lhe a necessidade de falar e no sentido dos pensamentos da ultima, de cujo auxilio e discreção devia assegurar-se custoso e que entastasse.

Nadia, Kanyadjé e Mérande exprimiam-se em russo, Kanyadjé só conhecia a a lingua russa e a mongol. Não podia Nadia mudar subitamente de dialecto, porque teria despertado as suspeições de Kanyadjé. Resolvera, pois, ao passo que continuava a conversação em russo, lancar rapidamente no dialogo algumas palavras breves em francez, que chamariam a attenção de Mérande, e lhe fariam comprehender o que elle queria saber.

Nadia não respondeu-lhe, pois, logo á pergunta de Mérande. Pareceu reflectir. Kanyadjé não pensava semo em Mérande. Passado um momento, Nadia retornou lentamente, mas com uma voz lestoída propositada, que se pava as syllabas e as p palavras:

—Deixae-me falar, asy heras são preciosas. Timour parte esta noite depois de um grande conselho. Não volta senão d'aqui a dois ou tres dias. Concede-vos esta demora para aceitar as s suas propostas. Eis o que elle nos incumbiu de vos dizer. Sabe que salvastes Kanyad-

je. Deseja salvar-vos, não obstante a fria dos lamas... mas quer a vossa submissão... Submettei-vos.

E a essa palavra brusca, que vindo da sua parte, devia parecer revoltante a Mérande, os seus olhos fixaram-se brilhantes, enquanto uma palavra franceza traduzia o seu pensamento: *Simulac*.

Kanyadjé tinha apoiado com toda a expressão do seu olhar o que dissera Nadia. A ultima palavra não a feriu.

Mérande tinha fixado essa palavra, que correspondia ao seu pensamento. Mas perguntava a si mesmo onde era que Nadia queria chegar; a segurança da sua palavra, a sanada do seu equanidade, toda a austeridade que dimanava d'ella, impressionavam-no profundamente. Percebeu tambem que nada havia a discutir nem a recriar. Respondeu:

—Submetto-me? Mas com quaes condições? Posso atraiçoa o meu pai? Dizet, Nadia... Expliçae-vos.

As palavras *Expliçae-vos* em francez respondiam ao *Simulac* de Nadia.



A VISTA DE NADIA, MÉRANDE FEZ UM MOVIMENTO DE RECUAR.

Nadia estava em braso:

—Timour quer ser servido por vos, mas não creio que vos ponha já á prova. Ha de chamar-vos aos seus conselhos a pedir-vos esclarecimentos e informaçã a Comtado, ficareis apparentemente prisioneiros. Porque os lamas vos odeiam, como me odeiam a mim, por sermos europeus... Depois, Timour será agradecido... Se quereis, Mérande...

E Nadia hesitava. Sentia que Kanyadjé no esperava esta phrase, e pouco lhe importava tudo o mais. Mas tambem não duvidava da surpresa de Mérande e do final designado reservado para essa moça Kanyadjé. Não se dava pressa em falar, quando Kanyadjé, impaciente, interveiu e continuou a phrase interrompida:

—Se vos submetterdes a meu pai, elle disse que eu vos perdoaria.

A oriental rove lava-se toda n'esse impellido singular e onusado, que a lançava sem rebuço e hypocrisia nos braços d'aquello a quem ella amava.

Porante essa confissão repentina, Mérande empallidecera. E, por mais experimentado que estivesse as surpresas da sua tragica situação, permanecia estupefacto d'esse efforcimento do uma cravança, de quem o pai era humilde, e que devia pagar com o amor á sua tração de europeu. Teve, porém, ainda a presença de espirito de pensar que qualquer hesitação, embora apparen-te, offenderia Kanyadjé, que não podia durar de ser correspondida no seu amor, e comprometteria o designio occulto que as palavras enigmaticas de Nadia lhe deixavam suspirar.





VIAGEM REAL—Grupo de jornalistas francezes e portuguezes depois do almoço oferecido pelo syndicato da Imprensa Franceza no Elysée-Palais-Hotel

(Phot. de mr. Braunger.)

## Chronica elegante

O interregno entre as duas sensacionais epochas de companhias francezas tem permitido a apresentação d'outros attractivos theatraes que, a bem dizer, tem sido as unicas distrações da sociedade elegante.

O tempo ainda não deu logar a um bello domingo de passeio na Avenida e no Campo Grande, onde se tenham podido admirar as altas novidades das *toilettes* de inverno. E' notavel a tendencia, este anno, a oscurtar a cintura e portanto a engrossar-a; vêem-se muitos vestidos com *jaquettes* ou corpos justos, mas mesmo n'estes ou as guarnições ou os cintos proemam sempre tornar a linha do busto menos comprida e delgada. Os feitos *Empire* não nos parecem tão excentricos como aqui ha



Fig. 1



Fig. 2

annos; até mesmo n'algumas *toilettes* de noite se adopta francamente essa moda com o penteado caracteristico da epocha.

E' pena que tambem a moda não nos traga os collos impeccaveis, os formosos braços e a perfeição de linhas da *Rocamier*, da *Tallien*, da Imperatriz *Josephina* e de outras que foram fulgurantes estrellas d'aquellas pomposas épocas.

E' certo que existem ainda figuras de estatura como então, mas a essas sómente aconselharíamos a adopção de semelhantes vestuarios ou antes... *desvestuarios*.

Como quer que seja, o Imperio está na ordem do dia e nos *manteaux* de passeio e de noite, nas *toilettes* d'interior e mesmo n'alguns vestidos de passeio dominam os corpetes muito curtos e a cintura quasi invisivel.

Um dos escolhos do vestido *Empire* puro é a falta de roda na saia, mas as altas combinações dos *couturiers* modernos tem conseguido alliar o corpo *Empire* com a saia moderna alrosa e ampla, sem que esse anachronismo deixe de ser harmonioso.

N'outra ordem de objectos de *toilettes* sem pretensões a estylo estão os chapéus modernos que são um poema de graça, de elegancia e de apparente simplicidade. Está fazendo furor a alliança do roxo e do verde e n'uma recente chronica parisiense lêmos que, n'um es-

pectaculo ultimamente realisado ali, se contaram 69 chapéus verdes e roxos.

Evidentemente n'esta alliança de cores não se trata de verde salsa nem do roxo da tunica do Senhor das Passos; fala-se dos verdes modernos, finos, attenuados, e dos roxos mimosos, *ombrés* deliciosos nos seus cambiantes e *nuances*.

Fig. 1—*Toilette* de jantar ou theatro em *mousseline* de seda branca bordada e roudas de Malines, bolero em *passenterie* branca.

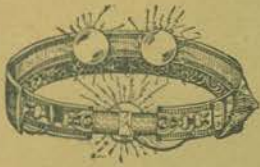
Fig. 2—Chapéu de feltro molle *vert saul*, laços de velludo roxo escuro; *aigrette palmé* verde *ombré* e roxo claro. Modelo da *Maison Nouvelle* de Paris.

Fig. 3—*Toilette* de noite, feito *Empire* em *gris de Naples* branco; cinto de velludo preto e ornates com fechos de brilhantes. Diadema de brilhantes e *aigrette* preta no penteado á epocha.



Fig. 3





# ESTO CURADO

São as palavras de muitos enfermos sobre o VIGORISADOR ELECTRICO

Dyspepsia, insomnias, dores nos rins e bexiga, e reumatismo curados

Sr. dr. McLaughlin.

Tenho o prazer de communicar-lhe que com a ajuda do seu Appareho, o VIGORISADOR ELECTRICO, me encontrei completamente curado da dyspepsia, insomnias, e dores nos rins e bexiga, e reumatismo de que muito soffria, e pelo que lhe estou muito obrigado pela sua restabelecimento.

De V.  
(a) Manoel Marques da Silva

O VIGORISADOR ELECTRICO do dr. McLaughlin cura as enfermidades do systema nervoso, dos rins, bexiga, estomago, pilão do ventre, lambago, reumatismo, impotencia e a varicocele cura-se rapida e effizamente.

Consultas e um formoso livro gratis a todos

Escrevam-nos para o livro gratis e impresso para consulta

Horas: 9 m. az 8 noite. Domingos: 10 m. a 1 t. DR. M. P. MCLAUGHLIN Rua Augusta, 1888. 2. LISBOAA

Encadernações e Typographia

VEROL & C.

Procedem sempre a casa que tem um millitar á porta

134, Rua Augusta, 136



David Fonseca & Fonseca

Successor de A. C. ENCARNACAO & C.  
Estabelecimento de balanças, pezos e medidas

Pozos, molinos, serradores e muitos outros objectos. Cufias e á prova ao tempo, presses de copiar e accessorios.

25, 27, Rua da Victoria, 29, 31

Officina de trabalho para construccoes e reparações. Trabalho de louca e de ferro esmaltado, machinas para lavar, espremer, colhar e raspar barbas, dilas para pigicas, canas e souler, chouriças, e pressas para extracção de carne e vegetaes. Fabricos e mais artigos para a agricultura.

74, Rua dos Correiros, 76 - LISBOAA

# NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluído a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS



JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

## London Dental Surgery

Cirurgia e protese dentaria pelos mais modernos processos

TECH. DIRECTOR

R. B. Tugman

Surgeon-Dentist

TELEPHONE 1371

Palacio Foz

AVENIDA-LISBOA

## ARMANDO CCRESPO Cicles Victory

Preços sem competencia  
112, Rua do Crucifixo, 114  
Enviem-se gratis e catalogos illustrados a quem os requisitar.

A MELHOR DEMEZA CONTRA AS DYSPEPSIAS

DEPOSITO em Lisboa 37, RUA DO CORPO SANTO, 37

DEPOSITO no Porto: 57, RUA DE D. PEDRO, 57

Bicarbonato de sodio	1.12104
Bicarbonato de litio	0.00005
Bicarbonato de sodio	0.21300
Bicarbonato de magnezio	0.29200
Bicarbonato de ferro	0.00070
Bicarbonato de manganeso	0.00200
Phosphato d'aluminao	0.00170
Sulfato de potassio	0.01001
Chlorato de potassio	0.04000
Chlorato de sodio	0.10000
Silica	0.00100
Materia organica	0.00000
Bicarbonato d'ammonio	0.00000
Acido carbonico livre	1.88484
Em Botellas	3.50043

Vestigos de acetato de sodio, acido e oxigenio.

## CORTICITE

"CHÃO SEM FENDAS"

AGLOMERADOS DE CORTICA

Para o revestimento de pavimentos, terraco, etc. que se substitua no proprio local

Impermeavel Inatacavel por acidos Hygienico Duravel

Economico

de grande utilidade em casos particulares para

Cosinhas, quartos de banho, etc.

e principalmente em

Escolas Laboratorios Hospitales Sanatorios

Casernas, etc.

ALCANTARAS E ESCLARECIMENTOS

O. Herold & C. Rua da Prata, 14, l.

SEDATIVO BEIRÃO

## Sedativo BEIRÃO

Anti-Dysmenorheico

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as mensruações irregulares (dysmenorria). Cura ou allivia as calças sterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadric; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hysterias e outros; nauseas, vomitos, diarrheas, alate e elevação do ventre por accumulacão de gases, a torçãoz das veias das pernas e das membranas e dependentes, dá-lhes energia muscular, regulariza suas funcões e é muito effizaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorria accidental ou suspensãoz subita das regras por effeito de resfriamentos, emoçoes ou sustos. O Sedativo Beirão contém propriedades tónicas, adstringentes e antisepticas, muito effizazes para debellar o fluxo branco (leucorrhoea). O Sedativo Beirão é de grande valor tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'esta viscora que, quando invertido, é origem e sustentacão de graves perturbacões gastro-intestinales, elimina a pressãoz sanguinea, estabelece o equilibrio da circulacão e consequentemente melhora os perigos da superabundancia do sangue e de outras molestias que sobrevem pela cessacão final dos menstros nesta maldade da vida da mulher. O Sedativo Beirão não é contra indicacão nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgaos ou da intervencão cirurgica.

DEPOSITOS:

Em LISBOA — Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167. — Fm LONDRES — Monsieur John Wymam, 758 e 39, Bunhill-Row, London E. C.

Precision

CHRONOMETRE ZENITH

OMELHOR RELOGIO D'ACTUALIDADE EM ORO, PRATA, E AÇO

PREMIADO COM O Grand Prix Suiço de 1900

VENDA em TUBAS DE RELOJARIA e OUTROS SUECOS

## NOVA CASA PETRONY

Chapeus para senhoras e creanças

Rua de S. Roque, 31

Comp. R. dos C. de F. Portuguezes

Servico dos Armazens — Fornecimento de artigos de fabrico branco — No dia 31 de dezembro de 1900, pela 1 hora da tarde, na estacão central de Lisboa-Rocio, perante a commissão executiva d'essa Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de artigos de fabrico branco. As condicões estão patentes na repartição central do servico dos armazens (edificio da estacão de Santa Apollonia) nos dias úteis das 10 horas da manhã as 4 da tarde. O deposito para ser admittido a licitar, deve ser feito até as 12 horas previas do dia de concurso servindo de regularizer o relogio exterior da estacão central de Rocio. Lisboa 31 de novembro de 1900. — Pelo director geral da companhia. — O engenheiro sub-director. — Auguste Luthiers, S. de Carvalho.



# COMPANHIA FRANCEZA

DO

# Gramophone



## 1905=1906

### REPORTORIO TODO NOVO

## Novas collecções SENSACIONAES

de artistas de todo o mundo e de todas as celebridades

### OS CHEFS D'OEUVRES

De todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, Offenbach, Puget, Giordano, Holmans, Cilea, Kubelik, Saint-Saens, Rossini, Schumann, Schubert, Verdi, Wagner, etc., etc., etc.

### AS VOZES

De todas as divas celebres e de todos os cantores laureados: Caruso, De Lucia, Sammarco, Tamagno, Garbin, Giraltoni, Kachaman, Emma Calvé, Adans, Bellincioni, Elisa Bruno, Amelia Pinto Viathelva, Figner, Tetrzini, Affre Beyle, Noté, Gresse, etc., etc., etc.

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza: Operas, operettas, zarzuelas, musicas populares, cantos caracteristicos, marchas, musicas de dança, cançonetas, hymnos, pot-pourris, etc., etc., etc.

A melhor, a mais verdadeira, fiel  
e a mais barata bibliotheca artistica é

# UM GRAMOPHONE

E uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos

A Companhia Franceza do Gramophone

Largo da Rua do Principe, 3



LA VOIX DE SON MAITRE

Satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e dá esclarecimentos

**AGENTE NO PORTO**

Arthur Barbedo - Largo de S. Domingos, 12, 1.

**AGENTE EM BRAGA**

Manuel Antonio Maneiro Gomes